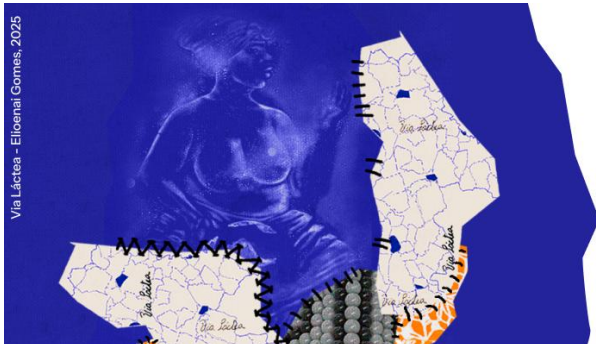




A PEDAGOGIA DO TEATRO NA SALA DE AULA: AUTONOMIA DOS ADOLESCENTES NA CONSTRUÇÃO DE CENAS.

Anne Caroline de Oliveira Severiano¹ – UFRN

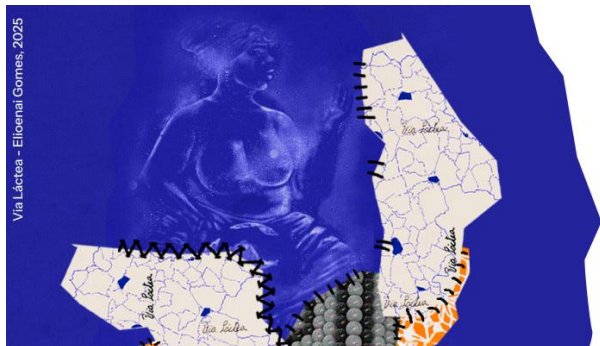
Pierre Keyth Rodrigues Ferreira² – SEEC/RN

Sou uma professora-artista em formação e, no presente semestre, concluo a minha graduação em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ao longo do curso, vivi diversas experiências desafiadoras e, neste texto, pretendo relatar uma delas: o estágio realizado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Esse estágio foi desenvolvido em parceria com minha colega de curso, Amanda Lua Rosa, junto a três turmas do segundo ano do Ensino Médio, compostas por adolescentes entre 15 e 16 anos. O objetivo deste relato é compartilhar os desafios e vivências encontrados no processo de ensino de Teatro para adolescentes, bem como apresentar as estratégias e abordagens adotadas para buscar o equilíbrio pedagógico em sala de aula.

Inicialmente, estabelecemos diálogo com o professor responsável pela disciplina de artes da instituição, a fim de criar uma abordagem alinhada ao planejamento já existente, onde os alunos foram divididos em grupos e orientados a elaborar suas próprias dramaturgias. A partir desse processo, identificamos, por meio de conversas, que muitos deles não tinham experiências prévias com o teatro e tampouco possuíam o hábito de assistir a espetáculos teatrais. Diante desse cenário, optamos por desenvolver a prática teatral a partir da linguagem corporal. Iniciamos com jogos baseados na técnica dos *Viewpoints*, descrita em O livro dos Viewpoints:

¹ Atriz potiguar de 24 anos, é estudante de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faz parte do grupo teatral Lupa, e está em processo de montagem do espetáculo Depois de Serena. E-mail: atrizanne@gmail.com.

² Pierre Keyth Rodrigues Ferreira é Mestre em Artes Cênicas – PPGArC/UFRN, foi professor substituto no curso de Licenciatura em Teatro/UFRN, membro da Comissão de Autoavaliação do PPGArC, Pesquisador de Indumentária Cênica, professor na rede estadual de ensino 1ª Direc, E. E. Rômulo Wanderley, atua como Figurinista e Aderecista de grupos de teatro na cidade do Natal/RN.



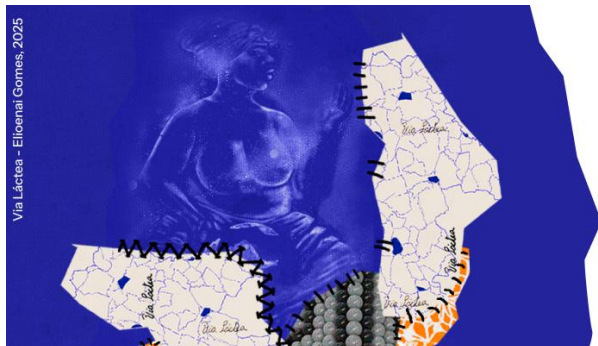
guia prático para Viewpoints e composição, buscando, primeiramente, estimular a coletividade, a consciência do espaço e do tempo.

Com isso, surgiu o primeiro desafio: a falta de escuta dos alunos, não apenas conosco, mas também entre eles próprios. Além disso, a ausência de interesse pelas atividades propostas mostrava-se evidente. Essa postura gerou momentos de frustração e levantou questionamentos sobre minha capacidade de captar a atenção da turma, bem como sobre minha própria vocação para a docência. Diante desse dilema em sala de aula, minha colega e eu buscamos, por meio do diálogo, refletir e encontrar alternativas para lidar com a situação. Aos poucos, fomos percebendo a necessidade de modificar nossas propostas dentro de sala de aula.

A partir desse momento, passamos a perceber maior interesse dos alunos em jogos teatrais mais dinâmicos, especialmente aqueles que envolviam algum nível de competitividade. Foi necessário encontrar um equilíbrio entre planejamento e improvisação, pois, as vezes precisávamos modificar algum jogo teatral durante a sua execução, para dar melhor continuidade durante a aula. Utilizamos como recurso o fichário de Viola Spolin, que contribuiu para estimular o engajamento e a disposição da turma. Apesar de ainda ser possível notar certa ansiedade em algumas atividades, as aulas começaram a fluir de maneira mais natural, favorecendo o desenvolvimento da coletividade, da confiança, da escuta e da atenção.

Após os primeiros contatos com os jogos teatrais, passamos a trabalhar pequenas cenas improvisadas pelos alunos, organizados em grupos previamente estabelecidos pelo professor da instituição. O objetivo era promover o entrosamento entre os integrantes, uma vez que permaneceriam juntos ao longo do semestre para a criação e apresentação de uma dramaturgia autoral.

No início do processo de criação com os alunos, percebemos que a metodologia proposta pelo professor, na qual os estudantes criariam seus próprios espetáculos teatrais, apresentava limitações. Considerando que grande parte deles não possuía experiência prévia com teatro, muitos encontraram dificuldades em buscar referências, restringindo-se, na maioria das vezes, a filmes, séries e novelas.



Diante disso, minha colega e eu passamos a orientar sobre quais ideias seriam viáveis no palco, levando em conta as restrições do espaço e apresentando referências teatrais adequadas às dramaturgias em desenvolvimento. Um dos grupos, em particular, apresentou maiores dificuldades na escrita de uma dramaturgia autoral. Para auxiliá-los, sugeri a utilização do texto *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, por se tratar de uma obra leve, que retrata a cultura nordestina e questões sociais, além de já estar previamente adaptada por mim para o contexto das aulas.

As aulas de teatro e construção das cenas, provocou discussões relevantes para a formação de todos, como pensar o racismo, o gênero e a representação da mulher na Arte dentre outros debates. Para oferecer referência, indiquei o Coletivo Kilombo, grupo teatral do Rio Grande do Norte cujo trabalho é centrado no teatro negro, abordando temas como racismo, resistência e memória.

Com as dramaturgias, iniciamos a construção dos personagens. Para auxiliar nesse processo, propusemos exercícios teatrais voltados à composição dos personagens, como a exploração do caminhar, da forma de falar e dos movimentos corporais. Em seguida, passamos à criação das cenas. Cada turma foi dividida em seis grupos, totalizando 18. Amanda e eu ficamos com metade cada. Havíamos apenas 20 minutos com cada grupo, um tempo bastante restrito, o que exigiu uma abordagem objetiva. Durante esse período, auxiliamos os alunos na adaptação das cenas, direção, cenografia considerando sempre as limitações estruturais da sala de aula e figurino.

Apesar dos desafios enfrentados ao longo do semestre, durante as apresentações das cenas foi possível perceber o empenho dos alunos. A disposição e a escuta, que em muitos momentos pareceram ausentes durante as aulas, tornaram-se evidentes naquele momento. Assistir aos espetáculos que ajudamos a construir foi uma experiência gratificante: tratava-se de cenas divertidas, nas quais também pudemos perceber o envolvimento e a alegria dos estudantes em atuar. Esse momento representou uma verdadeira sensação de dever cumprido.



O estágio no IFRN foi uma experiência desafiadora e, ao mesmo tempo, bastante enriquecedora, pois evidenciou que a docência vai além da transmissão de conteúdos: ela requer paciência, flexibilidade e sensibilidade. Essa vivência contribuiu significativamente para meu crescimento e amadurecimento enquanto professora-artista em formação, mostrando-me que, em sala de aula, podem surgir diversas situações inesperadas e que nem sempre o planejamento se concretiza como previsto, sendo necessário aprender a lidar com as adversidades.